



1290000532



TCC/UNICAMP An25d

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS



INSTITUTO DE ECONOMIA

**MONOGRAFIA**

**DEBATE SOBRE AS CAUSAS DO DESEMPREGO EM ECONOMIAS AVANÇADAS**

ALUNO: HUMBERTO DE ANDREIS  
ORIENTADOR: MÁRCIO POCHMANN  
BANCA: MARCELO PRONI

R.A: 950819

## **ÍNDICE**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>CAPÍTULO 1.....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>19</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>28</b>

## INTRODUÇÃO

O projeto tem como objetivo principal discutir as causas de desemprego nas economias da OCDE a partir da década de 70.

Faremos também um breve estudo do período anterior a década de 70 em relação a questão do desemprego e desenvolveremos posteriormente o período de maior relevância para o projeto que se configura em estudar o período posterior a 1973.

Buscaremos também desenvolver determinadas interpretações sobre o desemprego a partir de seus fatores geradores. Entre eles desenvolveremos a questão tecnológica, comércio, rigidez do mercado de trabalho e o baixo crescimento do período.

O tema que objetivo desenvolver mostra-se de extrema relevância e interesse nos anos finais do século XX. Ao tentarmos estudar as causas do desemprego da OCDE ocorridas nos últimos anos.

Torna-se importante destacar que os países desenvolvidos possuem uma economia estável, com mão-de-obra qualificada, PIB elevado e estão passando por sérias dificuldades para minimizar sua taxa de desemprego.

Tentaremos com essa monografia buscar explicações para esse desemprego mundial, atacando os principais elementos que são ditos como seus principais causadores.

Busca-se tentar perceber se as causas tidas por todos como geradores de desemprego mundial(tecnologia, rigidez do mercado de trabalho, comércio, baixo crescimento) são realmente os grandes causadores do mesmo, e se não forem tentar descobrir as suas reais causas.

Como foi dito anteriormente começaremos o desenvolvimento da monografia a partir da questão do desemprego no período anterior aos anos 70.

A partir de 1950 os principais países industriais tinham uma economia de pleno emprego ou próximo a esta. O comércio também crescia nesse período a taxas muito elevadas se comparada com qualquer outro período. Além disso a inflação se mostrava baixa sendo o denominado período caracterizado como a era de ouro do capitalismo.

Nesse período a taxa de desemprego era muito baixa e além disso haviam aumentos no salário real que se traduziam em consumo de massa e em incremento de demanda que acabavam estimulando novos investimentos e por fim ganhos de produtividade através de progresso técnico e economias de escala. Entre 1950 e 1960 ocorreu um grande auge da economia capitalista.

Com todo esse crescimento a participação estatal através de políticas fiscais e monetárias conseguiam ajustar as ofertas as expectativas da demanda.

A economia vinha se desenvolvendo bem até que ocorreu uma guinada na década de 70, mostrando-se como um período distinto do anterior, com um aumento dos níveis tendências de desemprego. Esse aumento dos níveis de desemprego ocorreu nos principais países mundiais podendo destacar: Alemanha, Itália, Canadá e EUA.

No decênio dos anos 70 os mecanismos de autodeterminação do fordismo começam a falhar. A produção em série começa a mostrar rendimentos decrescentes, e o encarecimento do petróleo causa um processo inflacionário.

Com a crise do fordismo ocorre uma diminuição do crescimento impulsionado pela demanda e o fim da produção em série.

Os países buscaram soluções para a crise, alguns usando políticas neoliberais buscando uma relação capital/trabalho mais competitivas. Outros países aplicaram políticas diferenciadas como o Japão que desenvolveu o Toyotismo e os países europeus que buscaram um compromisso que julgasse bem estar social com flexibilidade.

Com esse crescimento do desemprego nos países desenvolvidos surgem algumas interpretações mostrando alguns elementos como seus fatores geradores, entre eles podemos destacar:

1. Tecnologia
2. Comércio
3. Rigidez do Mercado de Trabalho
4. Baixo Crescimento

Começaremos a desenvolver a questão tecnológica voltando ao regime fordista dizendo que nesse regime de crescimento a produção de bens de capital estavam bem afastados do arquétipo da produção em massa que existia quanto aos bens de consumo.

Buscava-se uma solução para acabar com o tempo “morto” do capital, pois, através de cálculos concluiu-se que determinada peça ficava apenas 5% do tempo posicionada na máquina e os outros 95% correspondiam a tempos de espera e posicionamento para as demais máquinas.

Desenvolveu-se o comando numérico que consistia em um sistema que retirava da unidade de fabricação o poder de domínio do processo de produção.

Devemos ressaltar que a automação buscada é aquela do trabalho qualificado e a produção de peças estritamente idênticas que possam ser montadas automaticamente.

Tinha-se por objetivo simplificar a fabricação e obter várias configurações do produto buscando uma produção flexível em massa tanto no setor de bens de capital quanto no de bens de consumo. Portanto a automação inscreve-se na tendência longa de substituição capital/trabalho e de aprofundamento da divisão do trabalho.

A autonomização das diferentes funções e o novo regime de inovação levam ao aparecimento de novas estruturas produtivas que se implantam na base do princípio da explosão do processo de produção entre múltiplos capitais produtivos.

Voltando-se a comparação do novo regime com o fordista, temos que para esse novo modelo os investimentos não tem como função essencial o dever de aumentar a capacidade produtiva e sim de produzir de outro modo. Trata-se de acelerar a circulação do capital. Surgindo novas formas de concorrência do tipo oligopolística que articulam-se com estas mudanças.

O ambiente da empresa tende a ser mais levado em consideração, referindo-se ao nível de qualificação da população economicamente ativa, qualificação do sistema educativo e das instituições de P&D. Em suma, a qualificação do ambiente depende da capacidade dos diversos atores da vida econômica e social para tecer relações de cooperação, chave da modernização.

Nesse período ocorreu uma modificação na estrutura do emprego a favor do segmento terciário cuja dinâmica está estritamente relacionada a aquela das atividades de produção direta. É evidente que para um mesmo nível de produção, o número de empregos diretos diminui.

No processo de restauração da indústria concluímos que a indústria tem que tornar-se mais competitiva não só nacionalmente como no mercado internacional, pois, se ela não possuir o domínio da cadeia de inovação ela desaparecerá deixando lugar para as importações.

Com a reestruturação do antigo ramo das máquinas ferramentas e a estruturação de um novo ramo que é a robótica temos que eles seguem os mesmos caminhos de acordo

com o país, fato que confirma que o êxito de um projeto industrial é menos uma questão de ramo e mais uma questão de características macroeconômicas e sociais de um terreno.

Em relação ao comércio uma questão vem tomando importância na discussão do desemprego mundial dizendo respeito ao aumento da concorrência vinda dos países de industrialização recente, fator que pode ser considerado como um dos possíveis elementos de risco para a criação de empregos nos setores de bens comercializáveis dos países desenvolvidos. A concorrência dos países subdesenvolvidos leva a uma redução de empregos nos setores específicos caracterizados como intensivos em mão-de-obra e de baixa qualificação. Esse impacto se dá diretamente em decorrência das perdas de mercados e indiretamente a medida que a inovação como resposta a concorrência dos países subdesenvolvidos leva a adoção de técnicas menos intensivas em mão-de-obra.

Pelo que foi desenvolvido acima temos como causador de perdas do mercado dos principais países europeus o impacto da competição dos países subdesenvolvidos via baixos preços.

Em relação a rigidez do mercado de trabalho podemos dizer que vem se fortalecendo no mundo idéias de desregulamentação do mercado de trabalho, buscando-se uma flexibilização do mesmo.

Com uma determinada diminuição do crescimento econômico europeu, fato que vem ocorrendo a partir da década de 70 como já foi citado, o culpado pelo desemprego torna-se o contrato de trabalho rígido, que minimiza os lucros das empresas ao mesmo tempo que aumenta seus gastos, onerando sua sobrevivência.

Para algumas teorias como a ortodoxa a rigidez do mercado de trabalho tem fama de exercer peso sobre a rentabilidade do capital industrial bem como constituir uma fonte de inflação e de ser responsável pelo desemprego.

Com isso teríamos que desonerar a rentabilidade do capital flexibilizando o mercado de trabalho acabando com os direitos trabalhistas como: contrato de trabalho e serviço de proteção social (férias remuneradas, registro em carteira, 13º salário, etc.)

O baixo crescimento também é visto como um elemento que impôs restrições ao emprego na Europa nessas últimas duas décadas. Se olharmos para os dias atuais vemos que vinte anos após o modelo fordista Ter entrado em crise e o capital industrial voltado a dar lucratividade isso não tem implicado um retorno da aposta no crescimento por parte de todas as grandes potências ocidentais.

Podemos caracterizar alguns fatores que fazem com que se limite a taxa de crescimento nos países desenvolvidos, podendo destacar o combate a taxa de inflação e a redução do déficit público.

Podemos dizer ainda que o crescimento do desemprego nas economias mundiais está ligado a desaceleração na taxa de crescimento da demanda que foi causada pela mudança na estrutura das finanças internacionais e seu impacto sobre a estrutura das políticas macroeconômicas domésticas.

Utilizando outros fatores como desaceleradores de crescimento temos : compressão dos lucros nos anos 60 e impacto da elevação dos preços de matéria-prima sobre o crescimento da demanda.

Uma mudança que veio ocorrendo a partir da década de 70 e teve grande importância na determinação do crescimento no transcorrer dos períodos subsequentes foi o mercado financeiro que se caracteriza pelos fluxos de curto prazo buscando lucrar com alterações de preços de ativos, ou melhor, lucrar através do processo especulativo.

Esse processo de especulação acaba trazendo uma determinada instabilidade financeira tendo um impacto severo sobre a capacidade das empresas sobreviverem. Com

isso a globalização das taxas de juros a partir da ligação dos mercados financeiros resultou em desequilíbrios internacionais.

Essa instabilidade da taxa de juros locais leva a que uma pressão financeira internacional seja sentida por pequenas e médias empresas operando no mercado doméstico e não mais apenas pelas grandes firmas que atuam no cenário internacional.

Desenvolveremos a partir de agora a visão de determinados autores estudados sobre os elementos desenvolvidos no projeto.

Começaremos dizendo que no início do texto caracterizamos o petróleo como um elemento gerador de desemprego mundial, mas alguns autores não concordam com esse ponto de vista e para John Eatwell apenas 20% da queda da renda real do período foi causada pela elevação dos preços do petróleo sendo que os outros 80% foram resultados de políticas deflacionárias que se caracterizavam como resposta a essa elevação de preços.

Foi também apontado no texto que uma das causas da perda do mercado dos países europeus foi o impacto da competição dos países em desenvolvimento via baixos preços. Para John Eatwell isso não pode ser considerado como fato verdadeiro, pois essa concorrência ocorreu no final dos anos 50 entre o Norte e o Sul da Europa e não gerou desemprego nos principais países europeus. O autor aponta que as mudanças estruturais manifestadas no rápido crescimento das exportações de manufaturados pelos países em desenvolvimento parecem ameaçadoras hoje por causa da persistência do baixo crescimento dos países desenvolvidos.

Segundo Hafet Ghanem a volta do crescimento ocorrerá com a participação efetiva dos governos para implementar políticas geradoras de empregos para criar estruturas em que sejam estabelecidos os salários e as condições de trabalho. Com isso atenderia as

necessidades da sociedade ajudando os mais vulneráveis a reduzir a insegurança e a lidar com os choques.

Quanto a questão do comércio mundial os países ricos vem se mostrando atemorizados com a perspectiva de crescimento do mercado Chinês , graças ao seu excesso e mão-de-obra e baixa remuneração de sua força de trabalho.

Determinados modelos de estudo que se relacionam ao comércio mundial e um dos mais importantes são o de Heckscher-Ohlin prevendo que o aumento do comércio entre os países industrializados e os países em desenvolvimento diminuiria a defasagem entre eles. A lógica dessa visão é que o comércio afeta a remuneração relativa dos fatores de produção alterando os preços relativos dos bens. Com a abertura do comércio temos um aumento dos preços dos bens produzidos com mão-de-obra intensiva em países pobres , os quais se voltam exclusivamente para a produção de bens intensivos em mão-de-obra. Isso aumenta a demanda por mão-de-obra nos países pobres aumentando os salários relativos.

De acordo com Ishal Diwan e Ana Revenga o desenvolvimento tecnológico é visto através de duas óticas: A primeira mostra que o aumento da concorrência entre produtores de baixo custo e mudanças tecnológicas contribuirá para o aprofundamento da desigualdade.

Numa Segunda ótica haveria condições internas e externas mais favoráveis e a expansão das exportações de alta tecnologia seria mais veloz, com isso a demanda por qualificação aumentaria rapidamente e o aperfeiçoamento dos trabalhadores se daria a um ritmo mais intenso, aumentando os salários não qualificados e reduzindo a desigualdade.

## **CAPÍTULO 1: EVOLUÇÃO DO DESEMPREGO NOS PAÍSES DA OCDE PÓS 1970**

O desemprego vem se configurando a partir das últimas décadas em um fenômeno que não faz parte apenas da realidade das economias subdesenvolvidas, estando em consonância com os países desenvolvidos também.

Começaremos o projeto de monografia mostrando o contexto internacional que levou ao crescimento do desemprego dos anos setenta. Surgindo a partir daí uma preocupação mundial com o desemprego ,principalmente, entre os países desenvolvidos da OCDE que é a base do nosso estudo.

Após a Segunda guerra mundial dissemina-se entre as principais economias a utilização de políticas Keynesianas que promoveram com a participação do Estado uma maior segurança socio-economica e menor exclusão social. Esse padrão obteve sucesso até a crise econômica dos anos 70, que trouxe o avanço das políticas neoliberais

A desordem monetária internacional e a crise fiscal dos estados acabou levando a um rompimento com o compromisso de manter o pleno emprego. Problemas de crescimento econômico decepcionante nas ultimas décadas em termos de crescimento do produto e aumento do desemprego acabaram levando a várias formas precárias de ocupações que passaram a ser identificadas como incorporações sociais possíveis.

O início dos anos 70 nos mostra a fragilidade do sistema monetário internacional com o fim da paridade ouro-dólar e instabilidade nas taxas de juros além do esgotamento do padrão de industrialização Norte Americano.

Em 1973 com o primeiro choque do petróleo, fato que levou a uma elevação muito grande no preço do barril do petróleo, causando um processo inflacionário entre as principais economias mundial, sendo relevante no processo de instabilidade econômico. Muitos imaginavam que o desemprego que vinha se desenvolvendo na Segunda metade dos anos 70 era um problema passageiro, derivado em parte dos transtornos provocados pela primeira crise do petróleo e agravada pôr erros de políticas econômicas que poderiam ter sido evitadas.

No final da década de 70 elege-se governos de direita nos principais países desenvolvidos rompendo com as políticas de integração social do pós-guerra. As medidas implementadas pôr esses governos buscavam o controle da emissão monetária, elevação dos juros, diminuir os impostos sobre as rendas mais altas, privatizar o setor público, entre outros.

Essas medidas obtiveram sucesso quanto ao combate a inflação, mas nesse final de século tivemos a ampliação das desigualdades e do desemprego, ao mesmo tempo que cresce o processo de flexibilização do uso e remuneração da mão de obra e da concorrência do mercado de trabalho impossibilitando o surgimento de uma nova fase de expansão econômica.

Esse é o contexto em que estamos vivendo hoje sendo a base de partida para o estudo de como a classe trabalhadora está se enquadrando nesse processo de exclusão social. O nosso objetivo será garimpar informações que mostrem quais são os setores que nos oferecem maiores condições de trabalho, quem está tendo maior oportunidade de emprego e em que faixa etária.

Com um desemprego de aproximadamente 35 milhões de pessoas, isso se configura em mais de 8,5 % da população da OCDE. Depois de uma prolongada expansão econômica em 1990 voltou-se a uma taxa de desemprego de 25 milhões de pessoas.

Entre os grupos que fazem parte da força de trabalho e estão sendo mais severamente atacados pelo desemprego temos principalmente as mulheres e os jovens. Veremos a seguir a evolução da composição do desemprego nos países da OCDE entre os jovens, mulheres e idosos.

Composição do desemprego e percentual do produto Interno Bruto

Gasto com políticas de emprego em países em anos seleccionados(em%).

Países	Gasto com		Taxas de desemprego									
	Políticas de emprego		feminino		Até 24 anos		+ de 55 anos		Longa duração		Baixa qualificação	
	1985	1992	1985	1992	1985	1992	1985	1992	1985	1992	1985	1992
Alemanha	1,4	1,5	8,9	8,3	11,0	8,2	8,9	14,2	2,7	3,1	8,9	8,9
EUA	0,8	0,8	5,4	6,0	17,2	13,3	5,7	4,7	1,3	0,8	15,2	13,5
França	3,1	2,7	13,1	13,6	19,7	24,6	6,3	7,7	3,4	3,8	14,9	12,1
Itália	2,9	1,9	4,8	7,4	12,4	17,3	8,9	10,0	14,4	17,3	12,6	12,3
Inglaterra	1,4	1,7	19,5	17,8	30,5	30,6	2,9	2,0	5,5	6,0	7,3	7,3
Japão	0,6	0,4	2,4	3,2	4,5	5,1	3,9	2,7	0,3	0,4	-	-

Fonte: OCDE, 1992; OIT, 1996.

No período posterior aos anos 80 os jovens vem tendo uma taxa de desemprego mais elevada do que os adultos. Cerca de 30% ou mais da força de trabalho dos jovens passam por um processo de desemprego. Algumas exceções se caracterizam com alguns poucos países com tradicional e forte sistema de aprendizagem como a Áustria e a Alemanha.

Quanto as mulheres na comunidade européia elas possuem uma taxa de desemprego mais elevada do que os homens, exceto no Reino Unido. Mas em muitos países da OCDE, as taxas de desemprego são maiores para os homens.

Um ponto importante a ser destacado diz respeito as diferenças regionais que estão se elevando dentro dos países e persistindo muito mais na Europa do que em países como a Austrália ou os EUA. A distribuição regional do desemprego é particularmente desigual na Finlândia, Alemanha e Itália. Também um outro fator importante se configura no longo tempo em que as pessoas ficam desempregadas. Praticamente a metade das pessoas que perdem o emprego ficam 12 meses ou mais fora do mercado de trabalho. Isso ocorre em praticamente todas as economias do mundo.

O incidente de ficar por longo tempo desempregado no total do desemprego difere se for considerado por idade. Em relação aos países da OCDE, os trabalhadores com idade superior a 55 anos tem maior risco de experiência prolongada de desemprego.

Com relação aos jovens eles passam por períodos mais curtos, com um declínio do total do tempo de desemprego durante os anos 80. No entanto muitos jovens passam por prolongado desemprego em países como: Grécia, Irlanda, Itália e Espanha que possui uma incidência de desemprego de longo tempo para jovens entre 50% e 70%.

No decorrer dos anos 80 tivemos alguns períodos de evolução da força de trabalho e emprego nos países da OCDE, esse fato estava fortemente ligado a mudanças na população, causada pelo processo de migração que ocorreu no período.

Em certas regiões ocorreu uma diminuição da participação dos jovens em relação a taxa de desemprego, como podemos ver pelo gráfico em relação a Alemanha e aos EUA. A principal causa para isso está ligada a um aumento da escolaridade nessa camada de idade. Também podemos dizer que o aumento da média educacional dos jovens acaba mostrando uma

aumento da força de trabalho do mesmo em relação aos mais velhos que possuem menor qualificação, principalmente em países como a Alemanha , pois, ao mesmo tempo que temos uma diminuição da taxa de desemprego dos jovens, temos uma elevação taxa de desemprego dos mais velhos.

Algumas outras mudanças também vinham ocorrendo a partir da década de 70 que acabaram se estruturando na década de 80. Uma dessas mudanças se configurou na passagem de uma parcela do emprego integral para o auto emprego. Na maioria dos países da OCDE houve uma expansão do processo de auto emprego, com uma maior contribuição desse tipo de trabalho em países como Portugal e Reino Unido.

Cresce nos anos 80 os empregos em meio período com relação ao total de empregos. Com relação ao aumento desse tipo de emprego temos o correspondente aumento do emprego feminino, principalmente no setor de serviços, já que as mulheres se utilizam de outros afazeres como cuidar dos filhos e dos trabalhos domésticos.

Com relação a parcela do trabalho temporário ela se manteve estável nos anos 80 em relação ao total de empregos em muitos países, mas tivemos em alguns países como a França e Espanha um aumento do trabalho temporário refletido na relação entre regulamentação da legislação e contratos de trabalho.

Começaremos a desenvolver agora a estrutura ocupacional do desemprego, tentando mostrar quais foram os setores que mais se desenvolveram e quais os que se estagnaram, além de mostrar quais os que mais expulsaram mão-de-obra e os que mais absorveram. Começaremos analisando a tabela a seguir que nos dará uma idéia sobre o assunto.

Estrutura ocupacional em países e  
Anos selecionados (% do emprego total)

País	Agricultura				Industria				Servicos			
	1870	1920	1960	1995	1870	1920	1960	1995	1870	1920	1960	1995
Alemanha	49,5	33,5	13,8	3,0	28,7	38,9	48,2	37,0	21,8	27,6	38,0	60,0
EUA	50,0	28,9	8,0	2,7	24,4	32,9	32,3	24,1	25,8	38,2	59,7	73,2
França	49,2	43,6	21,4	5,1	27,8	29,7	36,2	27,7	23,0	26,7	42,4	67,2
Inglaterra	22,7	14,2	4,1	2,2	42,3	42,2	47,8	26,2	35,0	43,6	48,1	71,6
Japão	72,6	56,4	30,2	5,9	----	19,6	28,5	34,3	-----	24,0	41,3	59,8

Fonte: OCDE, Quartely Labour Force Statistics, vários anos

Maddison, 1984; Mattoso, 1995.

Podemos perceber pela tabela uma diminuição do numero de empregos totais no setor agrícola com o transcorrer das décadas principalmente causada pelo aumento da mecanização no campo, ao mesmo tempo em que o setor industrial também vem mostrando uma queda em relação a porcentagem do emprego total na economia. Com relação ao setor de serviço ocorre completamente o contrario, enquanto ocorre uma queda dos setores agrícolas e industriais o setor de serviços possui uma grande evolução no transcorrer das décadas em praticamente

todos os países pesquisados, e em alguns países chega próximo a 70% do emprego total da economia.

No período a partir dos anos 70 a reestruturação econômica e a transformação tecnológica levaram a uma diminuição da parcela do emprego manufatureiro em todos os países. Mas embora venha sendo geral essa tendência, essa redução não vem sendo igual em todos os países, pois, temos profundas diferenças entre os países que se configuram na estrutura social, que é fruto da política econômica de cada país e da estratégia das empresas. Além disso não se deduz o desaparecimento da indústria manufatureira, pois, muitos serviços dependem de seus vínculos diretos com a indústria e a atividade industrial se mostra indispensável para a produtividade e a competitividade da economia.

Já foi dito que houve um crescimento do setor de serviços na economia mundial no período posterior aos anos 70, mas para entender o novo tipo de economia e de estrutura social tem que se definir primeiro as classes de serviço, com o objetivo de estabelecer distinções claras que facilitem uma análise mais exata da sociedade e da economia.

Temos que alguns analistas<sup>1</sup> tem afirmado que tal tendência não é a característica fundamental dessa nova estrutura de ocupação, já que crescem paralelamente os trabalhos subalternos e menos qualificado do setor de serviço, os quais, estão crescendo menos em termos absolutos e podem constituir uma grande proporção da estrutura social pós industrial. Dizendo de outra maneira é muito possível que as sociedades de informação mais adiantadas se caracterizam pôr uma estrutura social cada vez mais polarizada.

Começaremos definindo a classe de serviço ligada a produção. De acordo com o período mais recente de 1971 a 1990, a proporção de posto de trabalho dedicados a este

---

<sup>1</sup> Entre esses analistas que compactuam com essa visão temos: Rumberger e Levin, 1984. Na obra: *Forecasting the impact of new technologies on the future job market*

serviço teve um crescimento de 4,8 para 9,6 por cento, no qual alguns países possuem uma característica um pouco diferente como o Japão que possui um nível inferior de emprego nos serviços comparados aos produtores de todas as economias adiantadas. Isso indica que no Japão uma proporção sensível desses serviços são feitos pelas próprias empresas industriais e isto pode estar relacionado com a veloz alta da competitividade e da produtividade da economia japonesa.

Convém lembrar que algumas economias mais dinâmicas, como a japonesa citada anteriormente e a alemã são as que tem a proporção mais baixa de emprego neste ramo econômico. Como é evidente que as empresas japonesas e alemãs necessitam utilizar também esses serviços, parece provável que se valem de alguma forma de organização própria que os vincula mais estritamente as operações produtivas dentro da empresa.

Com relação a Segunda categoria de serviços temos os serviços sociais. Podemos dizer que o seu impulso principal se produziu durante a euforia dos anos 60 e sua expansão se deveu mais ao estímulo dos movimentos sociais do que ao advento do pós industrialismo.

Cabe dizer que se a expansão do emprego neste ramo é uma característica de todas as sociedades adiantadas, o ritmo dessa expansão parece depender diretamente da relação da relação entre o estado e a sociedade, antes que da fase de desenvolvimento da economia.

Em relação aos serviços distributivos que se configuram na terceira categoria de serviços eles compreendem os transportes e as comunicações, que são nexos da integração essencial em todas as economias adiantadas, junto com o comércio que é em teoria a atividade de serviço típica das sociedades menos industrializadas.

Na realidade o emprego de serviços distributivos se manteve em nível muito alto nas sociedades adiantadas, oscilando entre um quinto e um quarto do emprego total. Temos que a

porcentagem do emprego situado nestes serviços é ,mais ou menos, o dobro que os serviços ligados a produção, considerados os países adiantados.

Os serviços sociais são os resíduos de uma estrutura protoindustrial e o exame da evolução a longo prazo dos países da OCDE incita assinalarmos que os serviços pessoais seguiam sendo uma grande proporção do emprego em 1990.

Globalmente temos que esta proporção tem aumentado desde 1970, enquanto esta categoria é comentada hoje como criadora de postos de trabalho em estabelecimentos de comida e bebida, observamos um sensível auge dos mesmos durante os dois últimos decênios, Sobretudo no Reino Unido e Canadá, que também aparecem agrupados os dados de emprego nos restaurantes e bares como dos hotéis.

Se tem profetizado que segundo entramos na sociedade de informação, observamos que os postos de direção dos profissionais superiores e técnicos cobram mais importância que diminuem a proporção do trabalhador especializado( operadores, maquinistas, etc.) e que aumenta a importância de pessoas do comercio e do escritório, além das ocupações de serviços semiqualeificados como contrapartida da progressão dos postos da própria profissão superior.

Destacaremos também a disparidade da estratificação profissional mostrando uma diversidade de situações em relação a distribuição pôr profissões nas distintas sociedades. Em relação as principais economias mundiais temos uma diferença muito grande entre as estruturas de ocupação, podendo qualifica-las como sociedades informacionais.

As sociedades informacionais são caracterizadas como categorias profissionais com um grande componente de informação(diretor, profissionais com nível superior e técnicos), assim como os trabalhadores de comércio e de escritório.

Podemos ver que a maioria da população ativa das economias avançadas desfruta de condições análogas a dos trabalhadores assalariados. Mas a diversidade de níveis, a desigualdade da evolução e a inversão da tendência em alguns casos obriga a abordar com maior perspectiva as diversas linhas da evolução da estrutura de ocupações. Se poderia assegurar que as caracterizar-se cada vez mais a nova organização industrial pela constituição de redes e a flexibilidade, e ao ser fácil as pequenas empresas alçar-se como uma parte do mercado, pode dar-se um renascimento do trabalho independente, se bem com outras formas.

Para concluir podemos dizer que a evolução da estrutura de emprego nos países da OCDE tem estado dominada pela tendência constante a uma elevação da produtividade do trabalho humano. Graças as inovações em matéria técnica e de organização tem resultado que homens e mulheres produzam mais e com melhor qualidade com menor esforço e menor recurso, e que os trabalhadores passaram da produção direta para a indireta; da agricultura, a mineração, as manufaturas e a indústria a tarefas de direção, gestão, consumo e inovação, e de certa gama de atividade econômica a uma variedade de ofícios e profissões cada vez maior.

## **CAPÍTULO 2: A RACIONALIZAÇÃO PRODUTIVA E SUA INTERFERENCIA NO MERCADO DE TRABALHO DA OCDE**

Nas últimas décadas o fenômeno do desemprego vem mostrando características diferenciadas das de períodos anteriores. Como era destacado por Keynes ou Kalecki que desenvolveram suas teorias de desemprego sendo causado por uma conjuntura cíclica recessiva a partir de uma mudança na conjuntura econômica.

Em meados da década de 1970 ocorre uma mudança qualitativa quanto ao fenômeno do desemprego, não sendo mais reversível por uma retomada do crescimento econômico.

O modelo fordista caracterizado como conjuntural tinha como base um processo de produção repetitivo que muitas vezes chegava a banalização, isso demandava mão-de-obra de menor capacitação e minimizava a necessidade de educação dessa mão-de-obra.

A nova base técnica que surge a partir da desagregação do processo fordista é o toyotismo que se desenvolve a partir de um processo de automação flexível que muda radicalmente o quadro anterior.

O novo equipamento que surge nesse período tem como uma de suas características principais a flexibilidade que mostra dois pontos de extrema importância:

- 1) Perde em importância como fator de competitividade a economia de escala baseada na padronização, uma vez que permite a produção programada flexivelmente de lotes de peças diferenciadas sem aumento do custo variável.
- 2) A diversificação torna-se o principal elemento no sentido de ganhar mercado e ganhar competitividade.

Resumimos acima os principais pontos que caracterizaram a transição do modelo fordista para o toyotista. Detalharemos agora como essas mudanças vieram a ocorrer, principalmente a partir dos anos 70.

A partir da Segunda metade dos anos 70 se desenvolve um novo contexto de política econômica que leva a uma reorganização da estrutura produtiva que muda as relações de trabalho.

Essas políticas econômicas que tem como base medidas restritivas acabam fazendo com que as empresas desenvolvam uma modernização radical de suas estruturas produtivas, fato que se estende até a primeira metade dos anos 80.

Essas políticas restritivas acabaram levando a uma queda do ritmo de produtividade que finalizou aquele determinado ciclo expansivo. A principal causa dessa quebra expansiva foi o choque do petróleo que levou a um grande aumento do mesmo levando a uma contestação dessa base energética e dos sistemas nacionais de relações de trabalho que foram estabelecidos no pós guerra.

O avanço da crise da recessão no período de transição da década de 1970 para a de 1980 acabaram abrindo expectativas em relação a perspectivas de determinadas inovações tecnológicas que acabaram estimulando as empresas a desenvolverem projetos que se baseavam na automação de suas plantas produtivas.

A base desse processo de automação vem do objetivo das empresas em diminuir o conflito que se caracterizava entre capital e trabalho, já que estamos em um período de forte crise econômica, as empresas perseguiram um modo de diminuir a porcentagem do trabalho nessa relação transformando-o em um elemento residual.

A maioria dos países encontraram sérios problemas em função da obsolescência de suas estruturas industriais, rigidez com relação aos sistemas nacionais e de relações de trabalho.

As inovações organizacionais japonesas começam a tomar conta das empresas ocidentais na década de 1980, através de sua base que conduzia a uma modernização tecnológica mais lenta e com menos riscos financeiros.

O sistema japonês que vinha dando grandes resultados tinha como base o princípio da produção enxuta que combinava técnicas gerenciais com máquinas cada vez mais sofisticadas que objetivava produzir cada vez mais com menos recursos de mão-de-obra.

A produção enxuta difere totalmente da produção em massa que se configurava na base produtiva da Segunda revolução industrial. Na produção em massa temos que profissionais especializados projetam produtos que são fabricados por trabalhadores não qualificados utilizando equipamentos de grande valor e que cumprem função específica.

A produção em massa leva determinada desvantagem em relação a produção enxuta, pois, como a maquinaria é muito cara isso acaba exigindo que se evite o tempo ocioso para se evitar aumento nos custos. Mas isso pode levar com que a empresa evite o surgimento de tempo ocioso e crie uma reserva na forma de estoque extra e de trabalhadores para que o fluxo de produção não seja desacelerado. Esse processo acaba levando o consumidor a beneficiar-se de preços baixos em prejuízo da variedade.

A produção enxuta leva vantagem em relação a produção em massa por evitar seu alto custo de produção, além de ser mais flexível. Para alcançar esses objetivos de produção, a gerência reúne equipes de trabalhadores com habilidades em cada nível de

organização, por trabalharem ao lado das máquinas automatizadas, produzindo grandes quantidades de bens com determinada variedade de escolha. Com isso temos que a produção é denominada como enxuta porque utiliza a metade do esforço humano na fábrica, metade do espaço físico, metade do investimento em ferramentas e metade do tempo para desenvolver um produto. Além disso, requer uma manutenção de menos da metade dos níveis de estoque, resultando em diminuição dos defeitos, produzindo uma variedade muito maior e uma quantidade sempre crescente de produtos.

Uma característica importante do modelo japonês é a eliminação da hierarquia gerencial que é substituída por equipes multiqualificadas que trabalham em conjunto, diretamente no ponto de produção, isso faz com que engenheiros, programadores e operários tenham uma relação muito mais dinâmica fazendo com que compartilhem idéias e implementem decisões conjuntas diretamente na fábrica.

Em função desse novo sistema de produção a fábrica torna-se efetivamente o laboratório de pesquisa e desenvolvimento onde a combinação de experiências leva a aperfeiçoamentos contínuos no processo de produção e no produto final.

O conceito de aperfeiçoamento contínuo é denominado de *kaizen* sendo considerado um dos fatores chaves do sucesso do método japonês de produção. Esse sistema se diferencia, por exemplo, do modelo americano no qual as inovações são raras e geralmente de uma só vez, o sistema de produção japonês é constituído com o objetivo de encorajar mudanças levando a aperfeiçoamentos constantes, como parte das operações diárias. Para se alcançar o *kaizen*, a gerência aproveita a experiência coletiva de todos os seus trabalhadores valorizando a solução de problemas em conjunto.

Uma outra característica interessante do modelo japonês diz respeito a liberdade que as equipes de trabalho tem sobre o processo de produção. Se uma máquina quebra ou a

linha de montagem reduz o seu ritmo, os próprios trabalhadores consertam o equipamento desobstruindo o gargalo do processo.

Nesse processo o modelo de trabalho é baseado em equipes criando maior eficiência pela formação de trabalhadores multiqualificados, pois, a versatilidade em várias tarefas dentro do processo de produção dá maior visão e compreensão a cada trabalhador do processo de fabricação global..

O modelo de produção japonês coloca também uma alta prioridade ao que chama de produção “*just-in-time*”, ou seja, modelo de produção que não utiliza estoques. Nesse sistema busca-se utilizar um método igual ao que temos em um supermercado onde as gôndolas são abastecidas com os produtos desejados pelos clientes, nas quantidades necessárias. O sistema de produção *just-in-time* baseia-se em padrões de controle de qualidade e administração de crise, sendo projetado para evitar problemas potenciais antes que se forcem uma paralisação maior no processo de produção.

Em anos recentes os fabricantes japoneses tem combinado novas técnicas da produção enxuta com tecnologias de computador cada vez mais sofisticadas, com isso, estão sendo criadas instalações fabris com poucos trabalhadores . O crescimento da digitalização aumenta a importância da inteligência abstrata na produção fazendo com que os operários assumam ativamente o que era inteiramente consideradas atividades intelectuais. Vale destacar que os operários não trabalham mais cobertos de graxa e de suor , pois, a fábrica cada vez mais se assemelha a um laboratório para experiências e avanços tecnológicos.

Na década de 1980 as inovações organizacionais japonesas(já citadas anteriormente) tomam conta das empresas ocidentais fator que irá conduzi-las a uma modernização tecnológica mais lenta e com menos custos financeiros.

A instabilidade que vinha ocorrendo nessas economias fez com que elas procurassem novas estratégias de reengenharia permanente de sua base produtiva pelas empresas, mas esse processo foi inviabilizado pela utilização de equipamentos informatizados que acabaram levando a rápida obsolescência dos mesmos causando um grande aumento de custos para as empresas. A saída utilizada foi o modelo organizacional japonês tendo como base uma inovação organizacional mais lenta, mas ao mesmo tempo desenvolvendo tarefas que exigiam maior mobilidade e responsabilidade dos trabalhadores.

A mobilidade de trabalhadores na produção trazia a necessidade de uma mudança quanto a gestão da jornada de trabalho, pois, a continuação de uma jornada de trabalho fixa incorreria em elevação dos custos do trabalho e ao mesmo tempo sub-utilização dos equipamentos. Essa elevação dos custos do trabalho ocorre quando parte da jornada remunerada não é utilizada pelas empresas, em função de condições que levam a problemas conjunturais como, por exemplo, queda do nível de produção da empresa, esse fato irá levar a uma determinada ociosidade da mão-de-obra ocasionando um aumento dos custos da empresa.

Muda-se também a política salarial da empresa, pois, a base do salário é mudado sendo caracterizado a partir de outro ponto de vista. O salário mostra-se relacionado a vários fatores, entre eles; o tempo de trabalho, o rendimento individual que acaba levando o trabalhador a ser mais competitivo trazendo maiores lucros para a empresa, o rendimento coletivo através de projetos desenvolvidos em grupos e a remuneração do trabalho.

A partir desse novo processo que vai se desenvolvendo temos a criação de forças de negociação por empresas e as regras de alocação vão se tornando cada vez mais

heterogêneas. Essa heterogeneidade das novas normas de relações de trabalho se desenvolvem principalmente nos segmentos de mão-de-obra contratados por tempo de trabalho indeterminado, mas ocorre também uma ausência de normas em relação aos segmentos que estabelecem vínculos mais precários de trabalho.

No final dos anos 80 o mundo passa por uma nova recessão que acoplada a acirrada competição internacional, exigiu mudanças rápidas que minimizassem os efeitos da queda do nível de atividade econômica. Os EUA acabaram se mostrando como uma exceção nessa crise recessiva, apesar de ter passado por um pequeno surto recessivo entre os anos de 1990 e 1991. Posteriormente a esse período o país vem tendo taxas consideráveis de crescimento a vários anos.

Nessa última década estamos percebendo um aumento da taxa de desemprego, em países como o Japão que passou por grande crescimento econômico e baixa taxa de desemprego em décadas anteriores, nos últimos anos o país passa por problemas de queda do crescimento econômico e da produção industrial, além de elevação das suas taxas de desemprego.

O fenômeno de vital importância que vem nos preocupando nos últimos anos diz respeito ao desenvolvimento da economia mundial passando pôr efeitos negativos sobre o nível de emprego através do processo de racionalização produtiva que cresce assustadoramente no ocidente no transcorrer da década de 80 , sem levar a economia a um crescimento rápido da produtividade industrial.

Tabela 1  
taxas de desemprego  
Países selecionados, 1979/1995

	1979	1985	1989	1995
Estados Unidos	5,8	7,2	5,3	5,6
Canadá	7,5	10,5	7,5	9,5
Japão	2,1	2,6	2,3	3,1
Alemanha	3,2	8	6,9	9,4
Espanha	8,6	21,5	17,3	22,9
França	5,8	10,2	9,4	11,6
Itália	5,7	8,6	10,2	12
Reino Unido	4	11	6	8,2
Suécia	2,1	2,9	1,5	7,7

Fonte: OCDE. Economic Outlook

A partir dos dados demonstrados acima podemos perceber que a taxa de desemprego passou por um período de crescimento entre 1979 e 1985, ocorrendo uma queda no período posterior que vai de 1985 a 1989, nesse período temos a introdução no ocidente das políticas de estruturação produtivas que vinham do Japão, elevando-se a taxa de desemprego no período posterior entre 1989 e 1995 fruto de uma nova crise mundial.

A diminuição dos custos salariais para a maioria das economias não pareceu suficiente para proteger o nível de emprego no período recessivo. Ao contrário, ainda ocorreu uma pressão por medidas de desregulamentação de mercados e relações de trabalho que facilitassem o ajuste fiscal gerando recursos para a empresa num contexto de crise econômica.

Diante da impossibilidade de sustentar um crescimento econômico de mais longo prazo com um processo de racionalização produtiva, podemos chegar a dois resultados:

- 1) A exigência de mudanças permanentes na relação capital/trabalho

2) Desestabilização dos módulos de gestão de mão-de-obra esboçados em cada uma das ondas de racionalização produtiva.

Esses fatos acabam levando a uma maior exclusão social em vez de perspectivas de maior participação dos trabalhadores no mercado de trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O século XX está chegando ao fim e o número de desempregados ao invés de diminuir está aumentando. A noção de emprego que tínhamos até a década passada, associada a de estabilidade, previsibilidade e certeza chegou ao fim.

Com o avanço tecnológico e sua reestruturação, o emprego migrou da indústria para o setor de serviços, formais ou informais. No setor público, onde o aparato de Estado muda de característica e de objetivos, o servidor público é pressionado a buscar um novo perfil, a rediscutir e reinventar o serviço público, enquanto o governo privatiza empresas públicas que de forma direta ou indireta, também passam a demitir em massa.

O capitalismo contemporâneo vem, nas últimas décadas, engendrando profundas mudanças no mercado de trabalho, mudanças essas que se explicitam ,principalmente, pela globalização das finanças ; pelo crescimento da precarização das relações de trabalho e pelas taxas elevadas de desemprego.

A última década assistiu ao rápido crescimento do uso de tecnologia, bem como das suas conseqüências para o trabalho e o acirramento da competitividade. A década de 1980 caracteriza-se como um divisor de águas do padrão produtivo fordista para o toyotista. A crise pela qual passou as principais economias mundiais fez com que necessitassem diminuir custos e aumentar a sua produtividade, com isso foi deixado de lado a produção em série, a linha de montagem e a fabricação de produtos razoavelmente homogêneos , em prol da utilização de um trabalhador mais capacitado que opera simultaneamente várias máquinas , criando como resposta para a crise financeira , o aumento da produção sem aumentar o número de trabalhadores.

Com o desenvolvimento tecnológico o computador passou a ser um elemento de vital importância para o mercado de trabalho, mas preocupa o fato de que as máquinas estão evoluindo muito mais rapidamente do que os humanos, já que a velocidade das mudanças é imensa e rápida, sendo tão alta que não dá tempo para o cérebro humano processá-las, adaptando-as e reciclando-as em empregos para a maioria.

O empregado do setor agrícola vem sofrendo com o processo de desemprego desde os anos 50, pois, as revoluções mecânicas, biológicas e químicas foram responsáveis pelo grande aumento do desemprego no setor. Nos últimos anos os agricultores vem tendo grandes aumentos na sua produtividade, como resultado dos avanços no software e da robótica aplicada a agricultura, com o desenvolvimento dos software os agricultores estão sendo ajudados no monitoramento do meio ambiente para identificar áreas problemáticas, delineando estratégias de intervenção e implementando planos de ação.

Num futuro próximo, os sistemas informatizados na agricultura poderão coletar dados de mudanças meteorológicas, condições de solo e outras variáveis de sensores computadorizados posicionados na terra e usarão as informações para fazer recomendações específicas ao agricultor. Com a utilização de robôs altamente especializados teremos a execução dos mais diversos planos de ação gerados pelo produtor.

Alguns dos avanços mais dramáticos na reengenharia e no deslocamento tecnológico estão ocorrendo na indústria automotiva. O padrão pós-fordismo está transformando rapidamente a indústria automobilística em todo o mundo. Ao mesmo tempo, a reestruturação pós-fordismo está resultando em demissões maciças de operários na linha de montagem.

Os fabricantes de automóveis consideram a tecnologia de deslocamento da mão-de-obra como sua melhor opção para reduzir os custos e melhorar o desempenho dos lucros. Os robôs estão tornando-se cada vez mais atraentes enquanto alternativa ao trabalho humano na linha de montagem do automóvel.

A medida que a geração de robôs equipados com maior inteligência e flexibilidade vão abrindo seu caminho do mercado, os fabricantes de automóveis, estão mais propensos a usa-los em substituição aos trabalhadores porque são mais eficazes em termos de custos.

Segundo Rifkin as máquinas irão realizar o trabalho rotineiro e a iniciativa privada e o Estado acabaram perdendo a capacidade de criar empregos, e sem emprego a democracia estaria ameaçada por turbulências constantes. Para o autor os excluídos enfrentarão inúmeras dificuldades se a sociedade como um todo não adotar políticas para a sobrevivência e a ocupação das pessoas. No seu raciocínio a tecnologia substituirá o trabalho humano em todas as áreas e setores.

A saída segundo o autor seria criar uma rede de proteção formadas por ONGs que seriam financiadas pelo estado e pela iniciativa privada, prestando assistência aos deserdados do trabalho, o que criaria empregos.

Muitos imaginavam que o setor de serviços seria um eterno absorvedor de mão-de-obra do setor industrial, fato que ocorreu durante um período de 40 anos. Mas, agora essa esperança está sendo refreada, a medida que novas tecnologias de informação estão invadindo o setor , aumentando a produtividade e tomando o lugar da mão-de-obra em todos os setores de prestação de serviços.

As recentes inovações tecnológicas que vem ocorrendo no setor , entre as quais as redes de cabos de fibras ópticas, sistemas de chaveamento digital, transmissão digital,

comunicação por satélite e automação dos escritórios , tem mantido a produção do setor de telefonia aumentando ano a ano, fazendo-a uma das líderes da nova economia de alta tecnologia.

Muitos dos desempregados são instaladores e técnicos de manutenção demitidos como resultado das recentes inovações tecnológicas. Com a introdução de novos equipamentos modulares pré-montados facilita os consertos e requer menos manutenção. Com a instalação de cabos enterrados com conexão rápida teremos consertos em menor números e mais rápidos.

Culpar somente o avanço tecnológico pelo desemprego mostra-se uma conclusão incorreta. Se utilizarmos como exemplo os vários períodos em que ocorreram mudanças nos padrões tecnológicos podemos perceber que em todos esses períodos ocorreram crises nas economias e processos de desempregos, mas em um curto período de tempo as economias voltavam a crescer e a gerar empregos.

O grave problema pelo qual passamos hoje é que as economias acabaram desenvolvendo um processo de reestruturação produtiva, buscando aumentar os seus lucros e diminuir os seus custos através da diminuição de mão-de-obra, mas a maioria dos países não vem obtendo resultados satisfatórios nessa última década., excluindo os EUA que vem obtendo crescimento econômico constante no transcorrer da década. A maioria dos países não estão conseguindo ter crescimento econômico e conseqüentemente gerar novos postos de trabalho.

Esse processo de automação, a partir da nova onda de revolução da reengenharia está começando a afetar os escalões médios da comunidade corporativa, ameaçando a estabilidade econômica e a segurança da classe média, que está perdendo seus empregos. As grandes vítimas dessa nova onda de desemprego diz respeito a

executivos ou gerentes de ganhavam altos salários nas empresas em que trabalhavam. Uma grande parcela desses profissionais qualificados estão sendo dispensados e talvez terão poucas chances de encontrar um cargo equivalente com benefícios comparáveis. Aqueles que conseguem encontrar um trabalho, muitas vezes, aceitam uma redução drástica de remunerações e atribuições.

Esse declínio da classe média ainda teria sido maior se as esposas não tivessem entrado para o mercado de trabalho na última década. As mulheres aumentam a sua participação no mercado de trabalho praticamente no mundo todo, cada vez mais ocupando cargos de chefia em função do seu melhor desempenho e escolaridade, mas ainda com salários menores em relação aos homens.

Com esses deslocamentos tecnológicos e falta de crescimento econômico algumas classes são mais prejudicadas que as outras no mercado de trabalho. Os jovens mostram-se estritamente prejudicados pela falta de emprego, fato que acaba contribuindo para a proliferação de uma violenta nova subcultura criminal.

Em um número crescente de nações industrializadas e emergentes, o deslocamento tecnológico e o desemprego, estão levando a um crescimento da criminalidade e violência aleatória, dando um claro presságio dos tempos de instabilidade que estão por vir.

O crescente desemprego e a perda da esperança num futuro melhor estão entre as razões pelas quais dezenas de milhares de adolescentes estão se voltando para uma vida de crime e violência.

A crescente violência está sendo vivenciada na maioria dos países industrializados do mundo. A combinação de deslocamento tecnológico e de pressão da população contínua a onerar a capacidade de sustentação de inúmeras comunidades urbanas. As

crescentes dificuldades e tensões crescentes estão levando a convulsões sociais espontâneas e atos coletivos de violência aleatória.

A transição para a terceira revolução industrial coloca em questão muitas de nossas noções sobre o significado e direção do progresso. Para os otimistas a era da informação sinaliza para uma era dourada de produção ilimitada e curvas crescentes de consumo, com novos e rápidos avanços da ciência e tecnologia, e mercados integrados e gratificações imediatas.

Para outros o triunfo tecnológico aparece como um pesadelo, para aqueles que serão forçados a uma economia global e pelos impressionantes aumentos da automação, que estão eliminando tanta mão-de-obra do processo econômico. Para essas pessoas o futuro está repleto de medo e desesperanças. Sentem que o mundo está passando por eles e estão impotentes para intervir em seu próprio benefício, para exigir sua inclusão na nova ordem global de altas tecnologia.

Ao chegarmos ao início do terceiro milênio, o trabalho é a base da discussão mundial, se configurando como um bem sendo vendido no mercado aberto. Como essa mercadoria está se tornando cada vez menos importante na produção e na distribuição de bens e serviços, devem ser pensadas novas formas de garantir a renda e implementar o poder aquisitivo dessa população.

## **BIBLIOGRAFIA**

- MATTOSO, J. (1995) *A desordem do trabalho*. São Paulo: Scritta
- ANDREU, A. (1988) *Capitalismo y formas de contratación*. Madrid:MTSS
- EATWELL, J (1996) *Desemprego em escala mundial*. In: Revista do instituto de Economia.  
Campinas: IE/UNICAMP, núm. 6, págs. 25 a 46.
- SYLOS-LABINI, P.(1991) *Nuevas tecnologías y desempleo*. Turim: Einaudi
- PALADINO, S. & VIVARELLI, M. (1997) *Coeficiente de empleo del crecimiento económico  
En los países del G-7*. In: Revista Internacional Del Trabajo . Ginebra: OIT, Págs. 207-231
- APPELBAUM, E. & SCHETTKAT, R. (1995) *El empleo y la productividad en las economías  
Industriales*. In: Revista Internacional Del Trabajo. Ginebra: OIT, Págs. 677-696
- POCHMANN, M.(1999) *O trabalho sob fogo cruzado*. São Paulo: Contexto
- COUTINHO, L. *Nota sobre a natureza da Globalização*. *Economia e Sociedade*, Campinas, nº4,  
p.21-26, 1995.
- COUTINHO,L. *A Terceira Revolução Industrial*. *Economia e Sociedade*, Campinas, nº1, p. 49-66,  
1997.
- DEDECCA,C. *As ondas de racionalização produtiva e as relações de trabalho no capitalismo  
avançado*. *Economia e Sociedade*, Campinas, nº9, p.49-66,1997.
- RIFKIN,J. (1995) *O fim dos empregos*. São Paulo : MAKRON
- FREEMAN,C. (1985) *Desempleo e innovacion tecnologica*. Madrid: Ministerio de trabajo y  
Seguridad Social.